

TREINANDO PARA A VIDA

Carina Aparecida Tomaz¹

Orientador: Prof. Sérgio de Freitas Oliveira²

Ao assistir ao filme *Treino para a vida* (*Coach Carter*), com o famoso Samuel L. Jackson, e analisá-lo, questiono que tipo de educação estamos proporcionando aos nossos alunos. Falamos em inclusão, mas, em muitas situações, educamos para a exclusão. Muitas vezes, educamos para os limites que estabelecemos, para as expectativas pré-definidas para determinada classe social, diferença, etnia ou deficiência.

Quando, no filme, a diretora, os professores e os pais dos alunos da equipe de basquete afirmam que o basquete é a única opção para alunos negros, latinos e pobres não se envolverem com a criminalidade e vejo a determinação com que o treinador Carter prova o contrário, me pergunto: quantos educadores oferecem alternativas para seus alunos? Estamos cumprindo nosso papel de mediadores e incentivadores do desenvolvimento desses alunos ou estamos reduzindo sua capacidade às expectativas de uma sociedade excludente?

O filme nos mostra a realidade de alunos de uma escola da periferia de uma cidade do estado da Califórnia, nos EUA, onde um treinador e ex-aluno do colégio assume o time de basquete para o início de um trabalho polêmico, mas de muito sucesso. Ele assume o time com o objetivo de mudar não só a trajetória da equipe, mas também a história da vida dos meninos.

Vários pontos do filme servem de análise e reflexão. O trabalho do treinador ganha notoriedade quando as vitórias começam a acontecer. De repente, quando o time alcança uma posição respeitável na tabela de classificação, os jogos são cancelados devido ao baixo aproveitamento acadêmico. A escola não exigia isso dos alunos, não era preciso, já que todos acreditavam não ser necessário mais que o esporte para aqueles meninos. O que mais eles fariam a não ser jogar basquete? Estavam destinados ao fracasso, as próprias estatísticas afirmavam isso, reforçando os motivos para a exclusão desses garotos do mundo do trabalho, de profissões respeitadas, do convívio com a sociedade privilegiada. Para que gastar esforços?

¹ Aluna do curso de Pedagogia da PUC Minas e professora da educação infantil na rede privada de Belo Horizonte. E-mail: carina.t4@hotmail.com

² Psicopedagogo. Professor do Curso de Pedagogia da PUC Minas. sergiofoliveira@globomail.com

Pois bem, se olharmos à nossa volta a situação em que se encontra o sistema educacional no tocante à inclusão, não veremos uma situação muito diferente. Quando falo de inclusão, não falo apenas das pessoas com algum tipo de limitação visual, motora, auditiva, física ou mental. Falo de todos os que julgamos aquém do padrão de normalidade definido por nossa sociedade.

Penso que falta ainda compreender o significado da palavra inclusão. Encontramos nos dicionários que incluir significa compreender, abranger, inserir, introduzir, estar incluído, inserir-se, fazer parte. Mantoan³, em entrevista à Revista Nova Escola do mês de maio e 2005, define inclusão como sendo nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, gozar do privilégio de conviver e compartilhar experiências com pessoas diferentes de nós. Tomando como referência a definição dessa defensora da educação inclusiva no Brasil, questiono: qual o papel assumido pela educação hoje?

Presenciamos, na maioria das vezes, práticas educativas que reduzem as possibilidades de desenvolvimento dos alunos; assistimos às práticas de profissionais que cruzam os braços por acreditarem que nada pode ser feito pelos nossos alunos das áreas de vulnerabilidade social, por exemplo. Precisamos tomar muito cuidado, para não reforçarmos, mesmo que com boas intenções, a exclusão e a marginalização dos que não são agradáveis aos nossos olhos.

Independentemente de ser uma deficiência ou uma simples diferença, excluímos com muita facilidade o que nos é estranho ou diferente. Como pessoas e como educadores, precisamos voltar nosso olhar para a nossa prática, os nossos valores e a nossa vivência. As diferenças não são motivos para a visão reducionista de capacidades. É preciso unir esforços, acreditar, buscar e incentivar o desenvolvimento e o crescimento de nossos alunos. É preciso educá-los para a vivência e a convivência em uma sociedade rica em diversidade, mas intolerante às diferenças - esse é o desafio do educador de hoje para amanhã. Esse é nosso desafio.

A inclusão depende disso, da consciência de que cada um, em sua diferença, é um sujeito de capacidades, potencialidades, anseios e desejos e, nisso, somos todos iguais. É necessário reconhecer o outro em sua grandeza e não limitá-lo para garantir que saibam apenas o necessário. Aí eu pergunto: qual é nosso maior medo? Qual é o maior medo de uma sociedade inclusiva e educada? Assim, no filme, Cruz fala ao treinador que “nosso maior

³ Maria Teresa Égler Mantoan, Professora da Faculdade de Educação de Campinas/SP.

medo não é sermos inadequados; nosso maior medo é o de sermos poderosos além da conta [...] Ser pequeno não serve ao mundo [...].”

Acredito que uma sociedade que conhece, respeita, convive com as diversidades e recebe uma educação que estimula sua autonomia e igualdade de acesso é uma sociedade que dá poderes e pode se voltar contra si mesma e seus interesses. Por isso, a exclusão velada e uma inclusão mal propagada tornam-se convenientes. E, para manter esse quadro, a educação se torna um recurso muito poderoso.

Ao assumirmos um compromisso com a educação, não podemos nos deixar levar por dificuldades e imposições de interesses. Assumimos um compromisso e temos consciência do nosso papel. Nosso interesse não é privilegiar um ou outro aluno, seja lá por qual motivo for, ou reforçar a exclusão histórica que assola nossa sociedade. Nosso interesse é educar para a vida, para a convivência com a diversidade. Precisamos dar condições de igualdade de acesso. Não é levantar a bandeira de subversão, é assumir uma nova postura, um novo olhar, é educar para o verdadeiro sentido da inclusão.

A realidade educacional do Brasil nos coloca frente a frente com situações como a retratada no filme. A inclusão ainda está distante do que realmente é. Que educação estamos oferecendo? Com que objetivo? Ainda excluimos por meio de nossas práticas educativas.

É urgente revermos nossa prática e assumirmos uma nova postura. O momento é de construção, pois a inclusão na escola e na sala de aula está sendo aprendida no dia a dia de cada professor disposto a isso e é esse aprendizado que levará essa inclusão de fato às práticas sociais. Para Claudia Pereira Dutra⁴, secretária de Educação Especial do Ministério da Educação, estamos aprendendo a incluir com as nossas investidas em fazê-lo, por isso a busca contínua de práticas e vivências educativas que promovam a inclusão faz parte desse processo de resignificação da educação inclusiva.

A inclusão não se aplica só às deficiências, mas às diferenças que insistimos em ignorar ou deixar à margem de nosso campo de visão. O mundo só será melhor quando nele conviverem os diversos mundos que o compõem. E promover o respeito e a convivência com a diversidade faz parte do nosso papel de educadores.

Referências

⁴ Em entrevista à revista Nova Escola (julho 2009).

MANTOAN, Maria Teresa Égler. *Inclusão promove a justiça*. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/inclusao/inclusao-no-brasil/maria-teresa-egler-mantoan-424431.shtml>. Acesso em 17/11/2010.

TREINO para a vida. [Original: Coach Carter]. Direção: Thomas Carter. Paramount Pictures, 2004, DVD, 136min, color.

VEROTTI, Daniela Talamoni; CALLEGARI, Jeanne. *A Inclusão que ensina*. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/inclusao/inclusao-no-brasil/inclusao-ensina-511186.shtml>. Acesso em: 30/10/2010.